
Paulista x Augusta - percorrendo um mosaico paulistano

Paulista x Augusta - walking through a mosaic in São Paulo

Jéssica de Souza Andrade, Yuri Bassichetto Tambucci e Enrico Spaggiari



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/12944>

DOI: [10.4000/pontourbe.12944](https://doi.org/10.4000/pontourbe.12944)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Referência eletrónica

Jéssica de Souza Andrade, Yuri Bassichetto Tambucci e Enrico Spaggiari, «Paulista x Augusta - percorrendo um mosaico paulistano», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 29 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/12944> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.12944>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 dezembro 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Paulista x Augusta - percorrendo um mosaico paulistano

Paulista x Augusta - walking through a mosaic in São Paulo

Jéssica de Souza Andrade, Yuri Bassichetto Tambucci e Enrico Spaggiari

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 11/11/2022 / Original Version 11/11/2022

Aceitação / Accepted 11/12/2022

Introdução

- 1 Dentre as várias centralidades paulistanas selecionadas para o projeto *Centralidades de Lima-São Paulo*, uma delas, a princípio, não encontrava comparativo com a capital peruana. A avenida Paulista, cujo reconhecimento enquanto “centralidade” remonta à passagem da primeira para a segunda metade do século XX, apresenta diferentes vocações a depender de quem frequenta, de quando é ocupada ou dos interesses em jogo.
- 2 Ninguém da equipe parecia duvidar que a avenida era uma centralidade, mas não conseguíamos, a princípio, reconhecer um tema que preponderava em relação aos demais. Assim, diferente das demais centralidades observadas (histórica, comercial, financeira), a avenida Paulista ficou nomeada como ela própria. Assim, o objetivo deste trabalho não foi comparar essa centralidade diretamente com Lima, mas reconhecer quais os aspectos que fazem da avenida uma centralidade em São Paulo, buscando temas, usos e práticas sociais que poderiam, posteriormente, ser utilizados para pensar a comparação planejada.
- 3 No dia 07 de maio de 2022, um grupo de pesquisadores/as ligados/as ao LabNAU foi à avenida Paulista com o intuito de realizar uma caminhada etnográfica por quase toda a

avenida, e uma derivação para a rua Augusta, aproximando-nos cada vez mais do centro geográfico da cidade. Este texto, escrito de forma compartilhada, traz os relatos de três pesquisadores/as que fizeram a caminhada, seguindo uma linha narrativa cronológica e espacial. Três olhares diferentes – únicos e complementares – que desvelam estilos de escrita, interesses de observação e referenciais muito particulares. Essa diversidade de olhares em um mesmo contexto etnográfico, sem dúvida, permite apreender as múltiplas camadas – modos de uso, atividades de lazer, dinâmicas de sociabilidade e construções temporais - que guardam as ruas da cidade de São Paulo, neste caso, especificamente a avenida Paulista e a rua Augusta.

4 **Primeira parte¹**

- 5 Escolhemos fazer a caminhada em um sábado, dia em que os usos da avenida talvez fossem mais misturados, mesclando aquela intensidade cultural e de lazer dos domingos (principalmente nas horas em que a avenida está destinada exclusivamente a pedestres e veículos não-motorizados) com a movimentação ligada ao trabalho e ao consumo. Nosso encontro aconteceu na Casa das Rosas, um dos últimos equipamentos culturais da avenida antes que ela, com um pequeno ângulo, se torne avenida Bernardino de Campos e siga em direção ao sul.
- 6 Enquanto caminho da saída do metrô Brigadeiro à Casa, ainda sozinho, me lembro de quando, pela primeira vez desde o início da pandemia do Coronavírus, fui fazer um trabalho de campo na avenida: uma caminhada etnográfica de caráter didático e analítico com estudantes de arquitetura e urbanismo. Naquela ocasião, pouco menos de um ano atrás, acompanhei a reabertura do programa Ruas Abertas, com uma multidão de pessoas voltando a circular (ainda que aderindo pouco ao recomendado uso de máscaras e do distanciamento social). Além disso, pude perceber um movimento que temos visto em todo o país e especialmente na cidade. Uma das facetas do empobrecimento da população se dá no aumento da população em situação de rua. Hoje um ano depois, não percebo nenhuma mudança aparente do que vi um ano atrás...
- 7 A avenida Paulista sempre foi um lugar de destaque para essa população, mas é só com o olhar etnográfico que consigo fugir da tentação de homogeneizar e percebo algumas nuances. Deitado atrás de uma banca de jornal, dorme um homem, com alguns pertences embalados em lona plástica. Lembro que me contaram em outra ocasião que esses cantinhos trazem discrição e tranquilidade, mas em contrapartida são mais sujos (pela presença de animais e por serem utilizados como banheiro). Próximo a esse primeiro homem, havia outro; mas este dormia atravessado na calçada, obrigando os transeuntes a desviar. Ele não parecia carregar consigo nenhum pertence volumoso. Mas era possível ver uma sacola de papel com comida ou água que alguém deixou ao seu lado. Mais exposto, é verdade que estava sujeito ao tropeção de algum distraído, mas também podia receber ali uma dádiva inesperada.
- 8 Percebemos uma falha de comunicação: o professor José Guilherme Magnani estava nos esperando em outro ponto da avenida: o vão sob o MASP (Museu de Arte de São Paulo). Rapidamente, vamos para lá enquanto desviamos de pedestres apressados, banquinhas de venda de artesanato e peças de roupa e recrutadores de doações para ONGs e ações sociais.
- 9 Um palhaço me aborda em frente ao Hospital Santa Catarina-Paulista sem economizar nos elogios (será que pareço mesmo um artista de televisão?). Quer que eu conheça um projeto social voltado a crianças, mostra fotos impressas em um caderninho. Quando digo que não estou com dinheiro, tira da manga um QRCode para que eu faça uma

doação por pix. Mais tarde, pesquisa sobre os palhaços da Paulista na internet: há desde desabafos como o reproduzido a seguir de um perfil no *twitter* até reportagens de jornais sensacionalistas que misturam o desconforto sentido por mulheres abordadas por palhaços com denúncias sem investigação de que defendem causas que não existem.²

@tuttyupie · 24 de jul de 2019

lista de obstáculos a vencer se vc trampa na paulista e precisa sair pra almoçar: greenpeace, abrinq, hippies, mafia de palhaços, hippies, perdidos aleatórios, gosta de teatro?, revista ocas (voltou com tudo), patinete, polícia de bike na calçada, abraço grátis, alunos do dante
(<https://twitter.com/tuttyupie/status/1154138795324968960>)

- 10 A avenida Paulista parece uma grande vitrine - e não falo apenas das lojas e galerias (essas na verdade nem parecem ter tantas vitrines assim), um local para expor o que quer que seja: produtos, ações, ideias... Apenas nesse curto trajeto da metade sul da avenida, entre a Casa das Rosas e o MASP, percebo várias interações nesse sentido. Além dos palhaços, reparei nos postes, paredes e até no chão: panfletos colados oferecendo aulas (de inglês, de música), adesivos de causas políticas e sociais, lambes contra o governo, QRcodes divulgando artistas independentes, perfis de redes sociais coladas ou inscritas nos espaços que instigam algum mistério e geram cliques aos donos dos perfis. Vendo mensagens políticas é difícil esquecer do gigantesco pato amarelo inflável que foi posicionado dentro do prédio da FIESP como um símbolo de movimentos golpistas e direitistas alguns anos atrás.
- 11 No próprio comércio isso se vê - e nem tanto para divulgar produtos, mas para divulgar as marcas. Vejo ao longo do caminho o “Méqui”, um restaurante da rede McDonald’s especial e estilizado, que parece fazer mais sentido como um monumento aos novos conceitos da marca do que realmente para vender lanches, refrigerantes e batatinhas. Pensando nisso, percebo que a ciclovía no centro da avenida também não está lá apenas para garantir a segurança de ciclistas e outros veículos não motorizados, mas para servir de emblema sobre o plano cicloviário e uma cidade que começa a pensar para além dos carros. Enquanto no resto da cidade a gestão municipal já alterou a cor vermelha das ciclovias (talvez muito ligada ao PT), ali na Paulista ela se mantém. Ao longo da caminhada vejo turistas e moradores da própria cidade tirando fotos nesse tapete vermelho que oferece um bom destaque e bons ângulos da avenida para se postar em redes sociais.
- 12 Quando chegamos ao Parque Trianon, decidimos fazer um pequeno desvio e entrar no bosque denso do parque. A mudança de temperatura e umidade são logo sentidas e vemos uma família de imigrantes latinos com quem o professor Magnani gasta seu espanhol. Moram em São Paulo e as meninas gostam de brincar nos playgrounds do Trianon. Ainda vemos gente passeando com cachorros, outras dormindo ou sentadas nos bancos. Quem dorme deitado talvez não seja autorizado a ficar ali: ao lado do parque, há algumas barracas de acampamento. Varrendo a calçada está uma das moradoras, que cantarola uma música. Magnani comenta: “tá feliz, hein?”, ao que ela responde orgulhosa contando como está limpa sua casa. Afinal de contas, “sábado é dia de faxina”.

Segunda parte³

- 13 Após caminharmos por este trecho da avenida Paulista que compreende a Casa das Rosas até a esquina do Banco Safra, optamos por adentrar na rua Augusta em direção ao centro, e percorrê-la até a altura da Praça Roosevelt. Uma importante reflexão que se apresenta neste ponto, depois de atravessarmos alguns quarteirões da avenida Paulista, é pensar na constituição e potencialização de características da rua Augusta quando posta em face à avenida Paulista. Como seria a nossa leitura da rua Augusta sem a interseccionalidade com a avenida Paulista? Até que ponto devido à proximidade, ambas reforçam suas respectivas expressões culturais e contradições políticas?
- 14 A rua Augusta tem três quilômetros de extensão e liga a região dos Jardins ao centro histórico da capital. É uma via icônica em São Paulo presente em canções populares, novelas literárias⁴, no imaginário do paulistano e dos turistas que visitam a cidade atraídos por uma quantidade expressiva de bares, casas de show, boates LGBTQI+, cafés, restaurantes, cinemas de rua, teatros e comércios que vendem roupas novas e usadas, objetos, livros, vinhos e acessórios que não seguem a pauta do *fast fashion* ou do consumo orientado pela lógica da compra virtual e/ou do Shopping Center. Por sua diversidade de ofertas de lazer e cultura se construiu uma imagem desta via como propícia ao caminhar; um caminhar guiado pela procura, pelo encontro, local da promoção de distintas relações de sociabilidades entre cidadãos, com destaque para grupos juvenis e adeptos da comunidade LGBTQI+ que encontram na rua Augusta uma territorialidade não identificada com o conservadorismo, em outras palavras, a rua parece acolher e potencializar outras construções identitárias, outros modos de pertencimento na cidade.
- 15 A questão de gênero está marcada no trecho que caminhamos da rua Augusta sentido Centro por meio de bandeiras hasteadas em prol da diversidade sexual e do movimentos LGBTQI+, presença de boates gays e a comercialização de produtos e símbolos portadores de ideologias e posicionamentos de maior identificação com a esquerda, dentro do espectro político do que entendemos hoje em São Paulo, a esquerda é lida como esta frente que busca maior diálogo com as pautas de grupos minoritários e compreende composições familiares baseadas não somente em relações heteronormativas.
- 16 Já a relação com a rua e os grupos juvenis se estabeleceu no final do século XIX, momento no qual muitos colégios como, por exemplo, o Colégio Paes Leme, Colégio Anglo-Latino e o Colégio Santa Mônica, hoje local do Parque Augusta, voltados para os herdeiros da elite paulistana, tinham suas instalações na rua Augusta. A localização destes colégios adensava a rua com a presença de jovens e estudantes que acabavam por estabelecer dinâmicas de sociabilidades e lazer para além do quadrante escolar, fator que incentivou as atividades culturais e comerciais voltadas para tais segmentos na região, inclusive o surgimento dos cinemas de rua, bem como outras atividades. Na contemporaneidade estes colégios não existem mais, entretanto é curioso notar como as práticas comerciais e culturais alocadas na rua Augusta, manifestações de outras temporalidades, ainda ressoam nas tipologias de lazer e cultura observadas hoje, dentre elas ressalto a “prática de ir ao cinema” – só na rua Augusta resistem três cinemas de rua.⁵
- 17 Outra característica muito peculiar da rua comentada pelo grupo durante a caminhada etnográfica é a observação de seus diferentes usos vinculados ao dia e a noite, ou seja,

como aquela rua em um sábado de manhã é diferente da sua ocupação em um sábado à noite. Se durante o dia é possível notar o fluxo mais tranquilo nas calçadas, famílias indo às compras ou se encaminhando para o almoço, moradores do entorno com trajés de academia para praticar exercícios físicos e/ou passear com seus animais, entregadores de aplicativos procurando apartamentos/escritórios para entrega, trabalhadores da região buscando algum refúgio no intervalo, cidadãos em seus trajés convencionais e a característica trilha sonora de carros, buzinas, latidos, lojistas te convidando a conhecer a loja, garçons recolhendo as louças dos pratos-feitos das mesas ocupando metade das calçadas e secadores em ação nos cabelereiros.

- 18 Durante a noite, mudam o cenário, os atores e as regras, alguns cidadãos saem de cena para outros entrarem, a calçada fica congestionada por grupos que se aglomeram e avançam para pequenos trechos da rua, por não caberem nos limites do bar. Os trajés dos cidadãos tornam-se mais extravagantes, coloridos ou monocromáticos, dependendo do estilo musical; cada estabelecimento entoa uma música e disputa a atenção dos passantes; algumas casas de show, como o Studio São Paulo, organizam suas filas para a entrada na casa e as boates deixam os seus seguranças a postos nas entradas para evitar qualquer desacato com os homossexuais e travestis que estão fumando um último cigarro antes de encarar a pista ou flertando com um potencial cliente.
- 19 Porém, nos últimos anos, dois fatores contribuíram para uma alteração marcante tanto na paisagem quanto nas dinâmicas e usos da rua Augusta, sendo eles a crise sanitária global ocasionada pela COVID-19 (2020-2022) e a classificação da rua Augusta como uma Zona de Eixo de Estruturação da Transformação Urbana (ZEU), em 2014, segundo o Plano Diretor da Cidade. A localidade passa a ser lida como uma área prioritária da cidade com passagens de diferentes modais de transporte, chamando atenção do setor imobiliário.
- 20 No percurso de descida da Augusta em direção à Praça Roosevelt notamos a quantidade de lojas com placa de aluga-se; alguns comércios, casas de show e boates características da rua, já não existem mais. Se não sucumbiram com a queda de público durante a pandemia da COVID-19 e a impossibilidade de alguns gestores em custear o aluguel e as despesas do espaço fechado, foram convidados a se retirar por conta de algum novo empreendimento imobiliário destinado à região. Como é o caso da unidade do Espaço Itaú de Cinema, conhecido por seus frequentadores como “Anexo”, o cinema de rua ocupa um casarão datado de 1950 há quase trinta anos, a cerâmica do piso ainda é original e ao fundo, numa espécie de jardim-quintal, funciona um café. Anteriormente o casarão era endereço do Instituto Goethe, que já usava as dependências do imóvel para exibir filmes em 16mm do cinema novo alemão. Ambos, o cinema e o café receberam notificação para deixarem o espaço até o início de 2023. Outro estabelecimento que também compartilha a mesma situação do cinema de rua é o restaurante mexicano “Taquería La Saborosa”⁶, o estabelecimento funciona há oito anos na rua Augusta e agora, devido à demolição de alguns espaços para início das obras de um edifício residencial, o restaurante terá que procurar um novo endereço.
- 21 Voltando às diretrizes do Plano Diretor que identifica a região da rua Augusta como uma ZEU, há neste tratado normativas para os empreendimentos com áreas entre 10 mil e 20 mil metros quadrados de serem obrigados a dedicar 25% da fachada para comércios e lojas e a área para o público, incluindo a calçada, tem que ter no mínimo 4 metros de largura. O problema é que essas regras nem sempre são respeitadas e ao

longo do trajeto notamos que a sociabilidade entre a rua e os tradicionais estabelecimentos que comungam uma relação entre o dentro e o fora, jogando com as fronteiras que indicam o limite da calçada e o início da rua, observada em bares, cafés, cinemas de rua e restaurantes, estão deixando de existir e dando lugar a edifícios residenciais que em vez de estimularem a fachada ativa, como previa o Plano Diretor, se munem de gradil, muros e calçadas cada vez mais estreitas e não há sociabilidades, nem dinâmicas culturais que ocorram entre muros. A rua Augusta, uma das ruas mais culturais e pulsantes da capital, corre o risco de se transformar numa área residencial? As questões que ecoam até este ponto da caminhada são muitas: Quantas temporalidades guarda uma rua? Como a rua se adapta e se relaciona com as transformações urbanas? Como estas transformações promovem alterações nos seus modos de usar?

Terceira parte⁷

- 22 A caminhada retomou a descida pela rua Augusta, região de confluência de manchas (de comércio, lazer, sociabilidade) em meio aos muitos estabelecimentos naquele momento fechados ou em processo de abertura, mas que iniciam suas atividades no final da manhã ou partir do meio da tarde para abastecer a agitada noite/madrugada da região. São as várias temporalidades de um mesmo espaço e diferentes fluxos de frequentadores (moradores, trabalhadores, consumidores) que orientam, inclusive, as estratégias do trabalho de campo. Ao mesmo tempo, alguns estabelecimentos com placas de aluga-se e vários com símbolos LGBTQIAP+ nas fachadas.
- 23 Viramos à direita na rua Peixoto Gomide, uma das travessas da Augusta, conhecida por ter um dos quarteirões mais agitados da região, voltado sobretudo – mas não exclusivamente – ao público LGBTQIAP+. A esquina da rua Peixoto Gomide com a rua Frei Caneca abriga bares famosos, como a Aloka Club, Terraço Club e Bar da Lôca. Em frente a este último era possível notar uma grande quantidade de lixo, latinhas de cerveja amassadas e garrafas vazias espalhadas pela calçada. Paramos para conversar com uma moça que, naquele momento, varria a calçada. Moradora dos primeiros andares de um dos muitos prédios antigos e baixos da região, e que abriga um bar em seu térreo, ela reclamou do barulho aos finais de semana, principalmente nas noites e madrugadas de sexta-feira e sábado, quando há grande concentração de frequentadores, que tomam a rua e calçadas; mas disse que a rua era tranquila ao longo da semana, voltada principalmente aos pequenos comércios, como bares, lojas de doces, salões e cabeleireiros etc. Novamente, a cidade e suas múltiplas temporalidades.
- 24 Logo após esse pequeno trecho da rua Peixoto Gomide, viramos à esquerda na rua Frei Caneca, com significativa mudança na paisagem, agora com características fortes de bairro residencial. Edificações antigas, de poucos andares, também observadas na rua Augusta, convivem com prédios mais recentes e altos, além de outros tantos empreendimentos imobiliários – pelo menos três – em construção, com seus canteiros de obras tomando os espaços de circulação e atrapalhando o deslocamento de pessoas – e muitos cachorros – por quadras de calçadas mais estreitas.
- 25 Logo após passar em frente ao Shopping Frei Caneca, equipamento importante da região, viramos à esquerda na rua Antônia de Queirós, caminhando por um trecho dominado por pequenos estabelecimentos comerciais com diferentes fins: restaurante, bar, lavanderia, farmácia etc. A dona de uma pequena loja disse, enquanto passávamos,

que o movimento estava muito calmo naquela manhã: “hoje tá meio morto, hein?”, disse para uma cliente da loja.

- 26 Esse pequeno trecho nos levou novamente para a rua Augusta, encontrando uma paisagem semelhante ao que vimos no trecho anterior, com estabelecimentos comerciais fechados, tanto em prédios de poucos andares quanto em prédios residenciais mais novos, mas também com algumas obras e ocupações organizadas por movimentos de moradia, revelando uma característica tônica da região: suas constantes e rápidas transformações urbanas.
- 27 Após descermos um quarteirão, chegamos ao Parque Augusta, espaço verde cercado por prédios, aberto recentemente, após um longo e polêmico processo de gestão urbana que envolveu diferentes atores (poder público, grupos imobiliários, moradores do entorno) em uma discussão sobre democracia direta, acesso à cidadania, práticas ambientalistas e direito à cidade. A área abrigou por muitos anos o casarão do Colégio Des Oiseaux, antigo colégio particular para mulheres mantido pela instituição religiosa Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho, e outras duas instituições de ensino, a Escola Santa Mônica (para crianças carentes) e o Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae. O edifício foi demolido em 1974 e o terreno passou a ser utilizado para apresentações musicais nos anos seguintes. Em meio aos vários interesses imobiliários, o terreno ficou por muito tempo fechado e abandonado, até ser tombado em 2004.
- 28 Foram décadas de disputas judiciais e administrativas que exigiram negociações entre o poder público e a iniciativa privada, esta representada pelas construtoras Setin e Cyrela, que almejavam levantar três torres residenciais e comerciais no local. A disputa pelo terreno mobilizou diversos movimentos sociais, associações de moradores de bairros da região (Consolação, Cerqueira César) e grupos ativistas que lutavam pela criação do parque, como o Organismo Parque Augusta, Aliados do Parque Augusta e Parque Augusta sem Prédios. No acordo, as construtoras cederam o terreno ao poder público e custearam a implantação do parque em troca de compensações para a construção de novos empreendimentos em outras áreas da cidade. As obras foram iniciadas em outubro de 2019 e, após sucessivas paralisações, inclusive pela descoberta de materiais arqueológicos na área, em novembro de 2021, no final do período mais crítico da Pandemia da COVID 19 – a famosa “segunda onda” –, o Parque Augusta - Prefeito Bruno Covas foi inaugurado.
- 29 Resultado de uma luta comunitária, a partir da mobilização da população frente a interesses e conflitos que transitam entre o público e o privado no que se refere a questões históricas, ambientais e sociais, o parque ocupa uma grande área (cerca de 23 mil m²) entre as ruas Augusta, Consolação, Caio Prado e Marquês de Paranaguá. Aberto de segunda a segunda, das 5 horas às 21 horas, oferece diversos espaços e equipamentos para usos diversos, como trilhas para caminhada por entre bosque de mata nativa, gramados descampados, bicicletários, playground (com escorregador, balanço, trepa-trepa e outros brinquedos), sanitários públicos, anfiteatro com arquibancada e palco, redário (espaço com ganchos para pendurar a rede) e alguns fragmentos de construções históricas do início do século XX, como a Casa das Araras, construção tombada que foi restaurada para abrigar atividades artísticas e culturais, como pequenos eventos e exposições
- 30 Muitas pessoas aproveitavam a manhã no parque, com usos muito variados: pessoas caminhando, correndo, fazendo exercícios com instrutores ou na academia ao ar livre;

outras passeando com seus cães; café da manhã e pic-nics de familiares e de amigos nos gramados abertos; um pequeno grupo de terapia holística; crianças andando de patinete ou brincando nos equipamentos infantis do parque. Nos arredores, alguns vendedores ambulantes (pipoca, batata chips, água de coco, milho). Ou seja, uma notável pluralidade de usos, mas regulados pelos olhares de muitos seguranças privados.

- 31 Em uma região de grande densidade urbana, o Parque Augusta é um lugar de encontro e convivência para moradores do entorno, mesmo para aqueles de áreas um pouco mais distantes que, frente à ausência de espaços verdes na região, muitas vezes utilizam aos sábados e domingos o Elevado João Goulart (popularmente conhecido como Minhocão) para lazer e sociabilidade. “Ausência” que deve ser sempre relativizada, visto que a região apresenta mais parques e áreas verdes (como o Parque Trianon e o Parque Buenos Aires) que outros bairros das periferias paulistanas, revelando assim a má distribuição do verde na cidade e a concentração de equipamentos de lazer nas regiões com mais infraestruturas públicas fundamentais. A falta de áreas de lazer em bairros periféricos é um reflexo das desigualdades observadas na cidade.
- 32 Retornamos à rua Augusta e na última quadra da caminhada alcançamos a Praça Roosevelt, que naquele final de manhã pouco lembrava a paisagem de outras caminhadas pela região: pico de skatistas, mas ocupada também por outros frequentadores. Diferente do Parque Augusta, a Praça Roosevelt é um grande espaço de concreto, sem áreas verdes, sobre um túnel que faz a ligação do centro com a zona leste da cidade. A praça tinha poucos frequentadores naquele momento. Alguns fazendo exercícios físicos, outros caminhando com cachorros e dois skatistas apenas: “Galera tá indo mais pro Vale [do Anhangabaú]”, disse um deles. A quantidade de frequentadores contrastava com o número de carros e motos da polícia estacionados próximos à base da Guarda Civil Metropolitana na praça – inclusive, um deles, ao se deslocar, quase atropelou um homem e seu cachorro bem a nossa frente. Novamente, a questão das temporalidades e fluxos citadinos aparece com força, pois implica avaliar os impactos dos horários na configuração dos cenários, atores e regras observados.
- 33 Encerramos a caminhada de frente para a rua da Consolação, abrindo uma roda de debate em um banco da praça, para trocar ideias, impressões e insights sobre o percurso, inclusive traçando algumas comparações com as observações realizadas nas ruas e centralidades de Lima, bem como para delinear os roteiros das futuras caminhadas e projetar as próximas etapas da pesquisa.

Algumas considerações

- 34 São muitos os diálogos possíveis entre avenida Paulista e rua Augusta, duas vias importantes para refletir sobre as transformações urbanas de uma região marcada por constantes processos de atualização de seus usos, temporalidades e significações. Trata-se, de fato, de uma centralidade multifacetada. Afinal, abrigam alguns dos principais espaços de lazer e instituições culturais da cidade; de dia e de noite, dias de semana e finais de semana. Ora, a própria avenida Paulista é, em si mesma, uma opção de lazer e sociabilidade aos domingos, quando algumas de suas vocações históricas – centralidade financeira ou empresarial – perdem protagonismo frente às apropriações espontâneas e criativas de moradores de diferentes partes da cidade. A mesma avenida que recebe skatistas e artistas de rua pode ser, no mesmo dia, ocupada por torcidas de clubes de

futebol ou arena para manifestações políticas por grupos de diferentes espectros políticos, o que a torna, também, espaço de dissensos e negociações.

- 35 Pluralidade de usos também observada na rua Augusta, cuja contradição mais evidente – entre o lado dos Jardins e o do Centro – é só uma das muitas nuances de uma rua assinalada por princípios segmentares de diferentes ordens: usos, temporalidades, estéticas, intencionalidades e posicionamentos políticos. A mesma rua que vem renegando seus cinemas de rua e tem sucumbido à lógica imobiliária – “da grana que ergue e destrói coisas belas” – também tem sido espaço de acolhimento a diferentes performances, experimentações e modos de vida, seja constituindo-se como centralidade para o público LGBTQIAP+ seja abrigando um novo espaço de lazer e sociabilidade como o Parque Augusta. O parque é emblemático nesse contexto porque não é fruto de decisões dos agentes que geralmente têm o poder de planejar a cidade, mas como resultado de forças que conseguiram se fazer ouvir e pautar a vida urbana.
- 36 São diversas “Paulistas” e “Augustas”, muitos cenários, atores e regras (MAGNANI, 2002), distintas formas de “fazer cidade” (AGIER, 2011), mas é possível entender São Paulo e suas centralidades a partir de cada uma delas.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, 216p.

Cinema na Rua Augusta que existe há quase 30 anos vai ser fechado para dar lugar a prédio. *Porta G1*, 12/05/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/12/cinema-na-rua-augusta-que-existe-ha-quase-30-anos-vai-ser-fechado-para-dar-lugar-a-predio.ghtml>. Acessado em 01 nov 2022.

Lei de Zoneamento, Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/zoneamento/>. Acessado em 01 nov 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, n.49, p.11-29, junho de 2002.

Uso atual da Rua Augusta tem relação com sua história, revela pesquisa da FAU. *Portal USP*, 04/10/2013. Disponível em: <https://www5.usp.br/noticias/sociedade/uso-atual-da-rua-augusta-tem-relacao-com-sua-historia/>. Acessado em 01 nov 2022.

NOTAS

1. Relato de Yuri Bassichetto Tambucci
2. <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/grupo-de-palhacos-cerca-pedestres-da-avenida-paulista-para-pedir-dinheiro-04072022>
3. Relato de Jéssica de Souza Andrade

4. Literatura ver: Rua Augusta (1969) de Maria Lourdes Teixeira; Canção ver: Rua Augusta (1963) Ronnie Cord. Existem mais menções a rua em outras obras, mas optou-se por dar destaque a estas duas.
 5. Cine SESC São Paulo, Espaço Itaú de Cinema - Augusta, Anexo Augusta do Espaço Itaú de Cinema, além das salas próximas como: Cine Petra Belas Artes, Espaço Itaú de Cinema - Frei Caneca, Reserva Cultural, Cine Marquise entre outros.
 6. Ademais da Taquería La Saborosa outros imóveis de atividade comerciais, não listados aqui, já foram demolidos ou também estão cumprindo o prazo estipulado para saída do local.
 7. Relato de Enrico Spaggiari
-

RESUMOS

Este texto, escrito de forma compartilhada, traz os relatos de três pesquisadores/as que, junto com um grupo de pesquisadores/as ligados/as ao Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU-USP) fizeram uma caminhada durante uma manhã de sábado pela avenida Paulista e rua Augusta. Três olhares diferentes – únicos e complementares –, seguindo uma linha narrativa cronológica e espacial, que desvelam estilos de escrita, interesses de observação e referenciais muito particulares. Essa diversidade de olhares em um mesmo contexto etnográfico, sem dúvida, permite apreender as múltiplas camadas – modos de uso, atividades de lazer, dinâmicas de sociabilidade e construções temporais - que guardam as ruas da cidade de São Paulo, neste caso, especificamente a avenida Paulista e a rua Augusta.

This text, written in a shared way, brings the reports of three researchers who, together with a group of researchers linked to LabNAU, took a Saturday morning walk along avenida Paulista and rua Augusta. Three different perspectives – unique and complementary –, following a chronological and spatial narrative line, which reveal writing styles, observation interests and very particular references. This diversity of perspectives in the same ethnographic context, undoubtedly, allows us to apprehend the multiple layers - modes of use, leisure activities, sociability dynamics and temporal constructions - that guard the streets of the city of São Paulo, in this case, specifically avenida Paulista and rua Augusta.

ÍNDICE

Keywords: centralities, Avenida Paulista, rua Augusta, ethnography, walking

Mots-clés: centralidades, Avenida Paulista, rua Augusta, etnografia, caminhada

AUTORES

JÉSSICA DE SOUZA ANDRADE

Graduada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACK) e Pós

Graduada em Design Gráfico pela Universidade Fundação Armando Alvares

Penteado (FAAP). Pesquisadora voluntária associada ao LabNAU (USP),

NauCemiterial (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6150-6732>

YURI BASSICHETTO TAMBUCCI

Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador associado ao LabNAU (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2356-5624>

ENRICO SPAGGIARI

Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador associado ao LabNAU (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2356-5624>